

NOME DO CANDIDATO

Nº DE INSCRIÇÃO

Nº DA CARTEIRA

## LÍNGUA PORTUGUESA

Textos para as questões de **01** a **06**.

Texto I:

“O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita; não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. (...) Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.

À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. (...)

Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meio aberta de uma habitação antiga, mas não dilapidada – (...) A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício, que todavia mal se vê...”

(Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*.)

Texto II:

“Depois, fatigado do esforço supremo, [o rio] se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.

A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. (...)

Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.”

(José de Alencar, *O guarani*.)

Texto III:

“Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço

De estar a ela um dia reclinado:

Ali em vale um monte está mudado:

Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,

Que faziam perpétua a primavera:

Nem troncos vejo agora decadentes.”

(Cláudio Manuel da Costa, *Sonetos-VII*.)

**01.** Podem ser encontradas *características predominantes* do estilo neoclássico ou arcádico apenas

(A) no texto I.

(B) no texto II.

(C) no texto III.

(D) nos textos I e II.

(E) nos textos II e III.

02. Há correspondência ou equivalência de sentido entre os segmentos transcritos em:

- (A) “sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita;” = “florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.” = “Árvores aqui vi tão florescentes, / Que faziam perpétua a primavera:”
- (B) “não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência.” = “A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor;” = “Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço / De estar a ela um dia reclinado:”
- (C) “O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita;” = “Depois, fatigado do esforço supremo, [o rio] se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou,” = “Ali em vale um monte está mudado: / Quanto pode dos anos o progresso!”
- (D) “não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente,” = “Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos,” = “Nem troncos vejo agora decadentes.”
- (E) “Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou” = “protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.” = “Ali em vale um monte está mudado: / Quanto pode dos anos o progresso!”

03. Com uma exceção, todos os segmentos abaixo, transcritos do texto I, poderiam ser convertidos da terceira para a primeira pessoa, sem perda do sentido dado pela perspectiva do narrador. A única exceção está em:

- (A) “Imagina-se por aqui o Éden”
- (B) “montanha que ali se corta quase a pique”
- (C) “em tudo quanto se vê e se sente”
- (D) “vê-se por entre um claro das árvores”
- (E) “que todavia mal se vê”

04. Com referência ao texto III, a correlação entre o advérbio de lugar, o objeto que nele se situa e o tempo de existência (ou vida) deste objeto está correta em

- (A) “Aqui” = “fonte” no presente e “árvores florescentes” no passado.
- (B) “Ali” = “vale” no presente e “monte” no presente.
- (C) “Aqui” = “fonte”, “árvores florescentes”, “troncos decadentes” no passado.
- (D) “Aqui” = “fonte”, “árvores florescentes”, “troncos decadentes” no presente.
- (E) “Ali” = “vale” no passado e “monte” no passado.

05. Lendo-se atentamente os textos I (de Almeida Garrett) e II (de José de Alencar), percebe-se que ambos os narradores se identificam quanto à atitude de admiração e louvor à natureza contemplada.

Entretanto, verifica-se também, entre os dois, uma diferença profunda e marcante no seu ato contemplativo, quanto aos valores atribuídos a essa natureza. Essa diferença é marcada

- (A) pela existência da vegetação.
- (B) pela avaliação da magnitude e da beleza do cenário.
- (C) pela inclusão, na paisagem natural, da habitação humana.
- (D) pelo predomínio das referências ao mundo vegetal sobre as referências ao mundo mineral (terra, rocha, montanha etc.).
- (E) pela explicitação da perda do paraíso terrestre.

06. Em algumas histórias de literatura e, até mesmo, em ensaios críticos sobre poesia brasileira, encontram-se afirmações sobre a presença de características barrocas nos sonetos de Cláudio Manuel da Costa. No texto III, pode-se comprovar, de fato, a existência de algumas características barrocas que, todavia, não poderiam ser comprovadas de modo absoluto com:

- (A) a antítese entre “vale” e “monte”.
- (B) a colocação dos termos da oração em “que faziam perpétua a primavera”.
- (C) a antítese entre “aqui” e “ali”.
- (D) a colocação dos termos da oração em “Árvores aqui vi tão florescentes”.
- (E) as antíteses entre os tempos verbais do modo indicativo.

Textos para as questões de 07 a 12.

Texto I: Ao longo do sereno  
Tejo, suave e brando,  
Num vale de altas árvores sombrio,  
Estava o triste Almeno  
Suspiros espalhando  
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.  
(Luís de Camões, *Ao longo do sereno.*)

Texto II: Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,  
so aqueste ramo destas auelanas  
e quen for louçana, como nós, louçanas,  
se amigo amar,  
so aqueste ramo destas auelanas  
uerrá baylar.  
(Aires Nunes. In Nunes, J. J., *Crestomatiia arcaica.*)

Texto III: Tão cedo passa tudo quanto passa!  
morre tão jovem ante os deuses quanto  
Morre! Tudo é tão pouco!  
Nada se sabe, tudo se imagina.  
Circunda-te de rosas, ama, bebe  
E cala. O mais é nada.  
(Fernando Pessoa, *Obra poética.*)

Texto IV: Os privilégios que os Reis  
Não podem dar, pode Amor,  
Que faz qualquer amador  
Livres das humanas leis.  
mortes e guerras cruéis,  
Ferro, frio, fogo e neve,  
Tudo sofre quem o serve.  
(Luís de Camões, *Obra completa.*)

Texto V: As minhas grandes saudades  
São do que nunca enlacei.  
Ai, como eu tenho saudades  
Dos sonhos que não sonhei!...)  
(Mário de Sá Carneiro, *Poesias.*)

07. A alternativa que indica texto que faz parte da poesia medieval da fase trovadoresca é

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) IV.
- (E) V.

08. A alternativa que indica textos de épocas literárias diferentes, mas de métrica uniforme e idêntica, é

- (A) I e II.
- (B) II e III.
- (C) II e V.
- (D) III e IV.
- (E) IV e V.

09. Finalmente, *assimilando o movimento geral das idéias e da arte renascentista*, não sentiram os portugueses necessidade de interromper a linha de evolução de suas mais peculiares e vigorosas forças criadoras, definidas durante alguns séculos de Idade Média: deste modo, *ao lado do homem português que se expressava no que assumia de espírito clássico, colocou-se, naturalmente, o homem português que traduzia forte personalidade de raízes nacionais e tradicionais.* (Grifo nosso.)

(Antonio S. Amora, *Presença da literatura portuguesa - II - Era Clássica.*)

Estas observações aplicam-se aos textos indicados em:

- (A) II e III.
- (B) II e IV.
- (C) I e IV.
- (D) I e II.
- (E) III e IV.

10. Assinale a alternativa que contém textos de autoria de poetas do Modernismo português.

- (A) I e V.
- (B) II e III.
- (C) III e IV.
- (D) III e V.
- (E) IV e V.

11. No texto IV, em “quem o serve”, o “o” exerce determinada função sintática. Esta função é a mesma que é exercida por

- (A) “suspiros”, em I.
- (B) “ramo”, em II.
- (C) “rosas”, em III.
- (D) “Amor”, em IV.
- (E) “sonhos”, em V.

12. O motivo do *carpe diem* (“aproveita o dia”, em latim) expressa, em geral, o gosto de viver plenamente a vida, de usufruir os dons da beleza e a energia da juventude, enquanto o tempo permitir. Esse motivo aparece nos textos

- (A) I e II.
- (B) II e III.
- (C) III e IV.
- (D) IV e V.
- (E) I e V.

Textos para as questões de 13 a 18.

Texto I: Perante a Morte empalidece e treme,  
Treme perante a Morte, empalidece.  
Coroa-te de lágrimas, esquece  
O Mal cruel que nos abismos geme.  
(Cruz e Souza, *Perante a morte.*)

Texto II: Tu choraste em presença da morte?  
Na presença de estranhos choraste?  
Não descende o cobarde do forte;  
Pois choraste, meu filho não és!  
(Gonçalves Dias, *I Juca Pirama.*)

Texto III: Corrente, que do peito destilada,  
Sois por dous belos olhos despedida;  
E por carmim correndo dividida,  
Deixais o ser, levais a cor mudada.  
(Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos.*)

Texto IV: Chora, irmão pequeno, chora,  
Porque chegou o momento da dor.  
A própria dor é uma felicidade...  
(Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno.*)

Texto V: Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira  
é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?!...  
Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto...  
(Castro Alves, *O navio negreiro.*)

13. Um dos textos tem sua musicalidade garantida pela presença da rima em todos os finais dos versos e, ao mesmo tempo, pela repetição dessas rimas em seu interior, sem exceção. Esse texto é o:

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) IV.
- (E) V.

14. Apesar de serem de autores diferentes e, alguns, até de movimentos literários diferentes, os cinco textos poéticos têm um motivo ou tema em comum. Este motivo identificador é:

- (A) o choro provocado pelo sentimento de rejeição amorosa.
- (B) o pranto originado pela piedade diante do sofrimento alheio.
- (C) as lágrimas como forma de purgação de sensações deprimentes.
- (D) o choro como forma de auto-compaixão e de expressão de raiva.
- (E) o pranto como reação humana a fenômenos de natureza diversa.

15. Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos lingüísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são:

- (A) I e IV.
- (B) II e III.
- (C) II e V.
- (D) III e V.
- (E) IV e V.

16. Em apenas dois dos textos apresentados, as lágrimas são caracterizadas ou configuradas por meio da hipérbole. Os dois textos são:

- (A) I e II.
- (B) II e III.
- (C) II e V.
- (D) III e IV.
- (E) III e V.

17. O texto em que apenas o uso do vocativo oferece a pista para se esclarecer se o verbo está em terceira pessoa do indicativo ou em segunda pessoa do imperativo é:

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) IV.
- (E) V.

18. No texto V, o sintagma *no teu pranto* desempenha a função sintática de adjunto adverbial. Esta mesma função vem desempenhada por

- (A) *perante a Morte* (em I) e *nos abismos* (em I).
- (B) *de lágrimas* (em I) e *do forte* (em II).
- (C) *momento da dor* (em IV) e *uma felicidade* (em IV).
- (D) *em presença da morte* (em II) e *correndo dividida* (em III).
- (E) *Mal cruel* (em I) e *Na presença de estranhos* (em II).

Texto para as questões de 19 a 22.

Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajudá-lo. Mandou o passarinho uirapuru. Quando sinão quando o herói escutou um tatarlar inquieto e o passarinho uirapuru pousou no Joelho dele. Macunaíma fez um gesto de caceteação e enxotou o passarinho uirapuru. Nem bem minuto passado escutou de novo a bulha e o passarinho pousou na barriga dele. Macunaíma nem se amolou mais. Então o passarinho uirapuru agarrou cantando com doçura e o herói entendeu tudo o que ele cantava. E era que Macunaíma estava desinfeliz porque perdera a muiraquitã na praia do rio quando subia no bacupari. Porém agora, cantava o lamento do uirapuru, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porque uma tracajá engolira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde pra um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida pelo Igarapé Tietê.

(Mário de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.*)

19. Os “manos” mencionados no texto são

- (A) os índios que formam toda a tribo de Macunaíma.
- (B) os amigos anônimos que Macunaíma encontrara em São Paulo e que passam alguns dias de descanso na Amazônia.
- (C) Maanape e Jiguê, irmãos de Macunaíma.
- (D) Piaimã, Oibê e os macumbeiros do Rio de Janeiro.
- (E) Piaimã, Oibê, Maanape e Jiguê.

20. Pelas características da linguagem, que incorpora expressões da fala popular e mobiliza o léxico de origem indígena, pelo ambiente sugerido e também pela presença do uirapuru, o texto dá mostras de pertencer ao estilo

- (A) romântico, de linha indianista.
- (B) simbolista, de linha esotérica.
- (C) modernista, de linha Pau-Brasil e a antropofágica.
- (D) naturalista, de linha nacionalista.
- (E) pós-modernista, de linha neo-parnasiana.

21. Os vocábulos “muiiraquitã” e “tracajá” têm os seus significados desvendados pelo contexto lingüístico interno, porque são substituídos, no próprio texto, por vocábulos ou expressões equivalentes. Os equivalentes para “muiiraquitã” e “tracajá” são, respectivamente,

- (A) “passarinho” e “tartaruga”.
- (B) “talismã” e “tartaruga”.
- (C) “pedra verde” e “mariscador”.
- (D) “joelho” e “barriga”.
- (E) “talismã” e “pedra verde”.

22. O sujeito da oração *Mandou o passarinho uirapuru* pode ser identificado por meio da análise do contexto lingüístico interno. Trata-se de:

- (A) sujeito indeterminado.
- (B) “uirapuru” = sujeito expresso.
- (C) “passarinho” = sujeito expresso.
- (D) Ele (“o herói”) = sujeito oculto.
- (E) Ele (“o Negrinho do Pastoreio”) = sujeito oculto.

Texto para as questões de 23 a 26.

Uma linha de coerência se esboça através dos zig-zagues de sua vida. Ora espiritualista, ora marxista, criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia, primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira, solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos, Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa que inspirava quando *fauve* modernista de 1922.

(Carlos Drummond de Andrade, *Poesia e prosa*.)

23. O autor do texto, referindo-se a Oswald de Andrade, alude a dois movimentos, dentro do Modernismo literário, de que este escritor participou ativamente como líder e como criador. Esses movimentos foram:

- (A) Espiritualismo (“Festa”) e Movimento Verde-amarelo.
- (B) Espiritualismo (“Festa”) e movimento comunista brasileiro.
- (C) Movimento Pau-Brasil e Movimento Antropófago.
- (D) Movimento Pau-Brasil e Movimento Verde-amarelo.
- (E) Movimento Verde-amarelo e Movimento Antropófago.

24. Carlos Drummond de Andrade identifica, no texto transcrito, uma linha de coerência na vida de Oswald de Andrade. Esta coerência se verifica, segundo o texto,

- (A) nos aspectos ideológicos e político.
- (B) na criação poética.
- (C) na obra de ficção narrativa.
- (D) na defesa dos valores burgueses.
- (E) na personalidade forte e agressiva.

25. Carlos Drummond de Andrade, ao opinar sobre Oswald de Andrade, vale-se da ironia, que fica evidente numa das observações que relaciona o lado político e ideológico, a personalidade e o comportamento em termos de classe social. A ironia de Drummond se manifesta com clareza no segmento

- (A) Uma linha de coerência se esboça através dos zigzagues de sua vida.
- (B) criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia.
- (C) primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira.
- (D) solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos.
- (E) Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa.

26. Na crônica de Carlos Drummond de Andrade, há uma referência ao movimento da Antropofagia, do qual participaram vários escritores modernistas. A alternativa que apresenta apenas poetas, artistas e intelectuais que participaram desse movimento antropófago, quaisquer que sejam suas fases, é:

- (A) Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo e Jorge de Lima.
- (B) Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Raul Bopp e Antonio de Alcântara Machado.
- (C) Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Cecília Meireles e Murilo Mendes.
- (D) Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Jorge de Lima.
- (E) Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Alceu Amoroso Lima e Oswald de Andrade.

Texto para as questões 27 e 28.

Um dos maiores benefícios que o movimento moderno nos trouxe foi justamente esse: tornar alegre a literatura brasileira. Alegre quer dizer saudável, viva, consciente de sua força, satisfeita com seu destino. Até então no Brasil a preocupação de todo escritor era parecer grave e severo. O riso era proibido. A pena molhava-se no tinteiro da tristeza e do pessimismo. O papel servia de lenço. De tal forma que os livros espremidos só derramavam lágrimas. Se alguma idéia caía vinha num pingo delas. A literatura nacional não passava de uma queixa gemebunda. Por isso mesmo o segundo tranco da reação foi mais difícil: integração no ambiente. Fazer literatura brasileira mas sem choro. Disfarçando sempre a tristeza do motivo quando inevitável. Rindo como um moleque.

(Antonio de Alcântara Machado, *Cavaquinho e saxofone*.)

27. Entre os textos de Manuel Bandeira (de *O Ritmo dissoluto*), transcritos nas cinco alternativas, aquele que comprova a opinião de Alcântara Machado é

- (A) E enquanto a mansa tarde agoniza,  
Por entre a névoa fria do mar  
Toda a minha alma foge na brisa;  
Tenho vontade de me matar.
- (B) A beleza é um conceito.  
E a beleza é triste.  
Não é triste em si,  
Mas pelo que há nela de fragilidade e de incerteza.
- (C) Sorri mansamente... em um sorriso pálido... pálido  
Como o beijo religioso que puseste  
Na fronte morta de tua mãe... sobre a sua fronte  
morta...
- (D) Noite morta.  
Junto ao poste de iluminação  
Os sapos engolem mosquitos.
- (E) A meiga e triste rapariga  
Punha talvez nessa cantiga  
A sua dor e mais a dor de sua raça...  
Pobre mulher, sombria filha da desgraça!

28. Assinale a alternativa que indica apenas as obras de ficção que, por serem anteriores ao “movimento moderno”, contrariam as observações apresentadas no texto de Antônio de Alcântara Machado.

- (A) *A moreninha*, *Lucíola*, *Dom Casmurro*.
- (B) *O sertanejo*, *O cortiço*, *O ateneu*.
- (C) *Memórias de um sargento de milícias*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *O noviço rebelde*.
- (D) *Memorial de Aires*, *Iracema*, *O missionário*.
- (E) *A normalista*, *Os sertões*, *Canaã*.

29. Na história da literatura brasileira, encontra-se um conjunto de obras literárias que formam, consolidam e desenvolvem, por meio de visões ou interpretações diferentes, a linha temática do indianismo. A alternativa em que todas as obras indicadas integram essa linha temática é:

- (A) *O guarani*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *O ateneu*, *Jubiabá*.
- (B) *Caramuru*, *O Uruguai*, *Iracema*, *Macunaíma*, *Quarup*, *Maíra*.
- (C) *O guarani*, *Os timbiras*, *A escrava Isaura*, *O seminarista*, *No Urubuquaquá no Pinhém*, *Quarup*.
- (D) *O Uruguai*, *Iracema*, *Canaã*, *Cobra Norato*, *Tutaméia*, *Campo geral*.
- (E) *Caramuru*, *O tronco do ipê*, *Inocência*, *Sargento Getúlio*, *A pedra do reino*.

30. .... salva-se desse caos por via do racionalismo excitado ao máximo, ato compensatório para a mesma sensação de “estrangeiro aqui como em toda a parte”. E é esse racionalismo, atenuador da sensibilidade em abandono e doentamente enovelada, que o leva a tentar a busca do suporte que Sá-Carneiro não encontrava. Partindo do “Nada que é Tudo”, ..... procura reconstruir o mundo em busca do Absoluto que existiria através ou acima do relativo. A reconstrução implicava em multiplicar-se em quantas criaturas habitam e habitaram a Terra, ou, antes, era preciso ser tudo e todos para destruir o que em cada um é inalienável relativismo biológico, mental etc.

(Massaud Moisés, *Presença da literatura portuguesa – Modernismo*.)

Mantida a seqüência, a alternativa que indica o preenchimento correto das lacunas supridas pelo pontilhado é:

- (A) Antero de Quental - Almada Negreiros.
- (B) Almada Negreiros - Almada Negreiros.
- (C) Fernando Pessoa - Fernando Pessoa.
- (D) Almada Negreiros - Fernando Pessoa.
- (E) Miguel Torga - José Régio.

## LÍNGUA INGLESA

Instrução: Leia o texto e responda as questões de números **31 a 40**, identificando a alternativa correta, com base nas informações fornecidas.

The New York Times on the web

### **The Rush to Enhancement: Medicine Isn't Just for the Sick Anymore**

By Sherwin B. Nuland

Until the mid-1960s, medical research was primarily driven by the desire to solve the problems of sick people. Although Aristotle was what might be termed today a pure laboratory investigator, with no thought of the clinical usefulness of his findings, the vast majority of those physicians later influenced by his contributions to biology were trying to solve the mysteries of human anatomy and physiology for the distinct purpose of combating sickness. The discovery of blood circulation in the 17<sup>th</sup> century, the elucidation of the anatomical effects of disease in the 18<sup>th</sup>, the introduction of antisepsis and anesthesia in the 19<sup>th</sup>, the development of antibiotics and cardiac and transplant surgery in the 20<sup>th</sup> – all of these were the direct results of physicians and others having recognized a specific group of challenges that stood in the way of making sick people better. Armed with knowledge of the disease processes, they entered their laboratories to address specific clinical issues. Their goal was improving the lot of actual patients, often their own.

The rise of molecular biology since the late 1950s has had the gradual and quite unforeseen effect of turning the eyes of medical scientists increasingly toward the basic mechanisms of life, rather than disease and death. Of course, this has always been the orientation of all non-medical biologists, studying growth, reproduction, nutrition or any of the other characteristics shared by all living things.

But now the boundaries have become blurred, between research that will alter the approach to disease and research that will alter the approach to life itself. While until very recently the bedside usually determined what was done in the medical research laboratory, the findings coming out of the laboratory nowadays are just as likely to tell the clinician what he can do at the bedside. The tail often wags the dog. In fact, the tail is becoming the dog.

(Texto condensado e adaptado. Encontra-se na íntegra no endereço <http://nytimes.com/library/review/051098medicine-review.html>)

- 31.** The focus of medical research until the mid 60s was to
- (A) investigate purely the causes of illnesses in laboratories.
  - (B) discover the mysteries of the human body.
  - (C) solve the problems of sick people.
  - (D) discover physiological enigmas.
  - (E) elucidate the anatomical effects of blood circulation.
- 32.** One of the recent medical developments of last century was
- (A) transplant surgery.
  - (B) cardiac blood circulation control.
  - (C) antisepsis.
  - (D) anesthesia.
  - (E) human molecule anatomy.

33. From the late 1950s on, medical scientists started increasingly to focus on

- (A) disease and death.
- (B) basic mechanisms of life.
- (C) all living things.
- (D) molecules and chemistry.
- (E) reproduction and genetics.

34. Atualmente, os dois tipos de pesquisa médica

- (A) determinam as doenças que serão pesquisadas mais intensamente.
- (B) realizam testes em animais de laboratório, principalmente em cães.
- (C) interferem no diagnóstico clínico de pacientes em leitos de hospitais.
- (D) fazem testes laboratoriais com seres humanos acamados.
- (E) não apresentam uma diferenciação clara.

35. Há pouco tempo, as pesquisas médicas

- (A) eram determinadas pela prática clínica.
- (B) tendiam a definir os procedimentos clínicos e cirúrgicos adotados.
- (C) alteravam a visão médica da vida em si.
- (D) tratavam da doença como um processo natural do mecanismo da vida.
- (E) percebiam a vida, a doença e a morte como campo de estudo da biologia.

36. O texto, como um todo,

- (A) apresenta uma evolução cronologicamente inversa das descobertas médicas.
- (B) exemplifica historicamente a idéia de que o interesse da medicina oscila pendularmente a cada século.
- (C) defende o avanço da tecnologia, como no caso dos transplantes.
- (D) compara a visão das pesquisas médicas do passado com a do presente.
- (E) afirma que as descobertas atuais são inconsistentes, na medida em que não se concentram na cura de doenças.

37. Na frase do segundo parágrafo, “... *turning the eyes of medical scientists increasingly toward the basic mechanisms of life, rather than disease and death.*”, a expressão *rather than* pode ser substituída, sem mudar o sentido, por

- (A) even if.
- (B) in order to.
- (C) moreover.
- (D) furthermore.
- (E) instead of.

38. Na frase do segundo parágrafo, “*Of course, this has always been the orientation of all non-medical biologists ...*”, a palavra *this* refere-se a

- (A) research in molecular biology.
- (B) gradual and unforeseen effect.
- (C) medical scientists.
- (D) study of basic mechanisms of life.
- (E) study of disease and death.

39. A palavra *although* na frase do primeiro parágrafo, “*Although Aristotle was what might be termed today a pure laboratory investigator...*”, indica uma idéia de

- (A) alternância.
- (B) exemplificação.
- (C) oposição.
- (D) condição.
- (E) enumeração.

40. Na última frase do primeiro parágrafo, “*Their goal was improving the lot of actual patients, often their own.*”, a palavra *their*, que ocorre duas vezes, refere-se

- (A) aos médicos e outros.
- (B) às pessoas doentes.
- (C) aos físicos e biólogos.
- (D) aos próprios pacientes.
- (E) ao conhecimento dos processos da doença.

## REDAÇÃO

Leia os quatro textos seguintes.

(...) Estamos vivendo tempos estranhos. Lastimando (é natural, trata-se de gente, seres humanos) os mortos do Afeganistão. Mas, deixando em torno de nós, em São Paulo, as pessoas catar e comer pedaços sujos de pastel recolhidos do lixo ou pedindo o resto da garapa que vai sobrar no copo. Uma coisa é ler que as pessoas estão comendo lixo. Outra é ver, na nossa frente, o festival de miséria que cresce e deixou a periferia, atinge a todos, nos cerca, envolve, machuca e, principalmente, envergonha, pela nossa passividade.

(Ignácio de Loyola Brandão, *O Estado de S. Paulo*, 26.10.2001, pág. D18.)

(...) Implementado como doutrina política e como um estilo de vida ou sistema cultural, o individualismo leva a imaginar que se vive sozinho, como uma ilha ou como as estrelas da bandeira americana, geometricamente ordenadas e iguais em tamanho e importância. De fato, nada é mais revelador da índole americana do que o ditado que diz: cada um por si e Deus por todos, mote que, suplementado pelo “mind your own business” (meta-se no seu próprio negócio), “live and let live” (viva e deixe viver) e o “no strings attached” (sem compromisso pessoal), é indicativo de uma moralidade voltada para o interior de cada um, avessa em princípio em valorizar relações e, com elas, o dar e o receber. (...)

(Roberto DaMatta, *O Estado de S. Paulo*, 25.10.2001, pág. D10.)

(...) o Brasil tem uma quantidade de voluntários que nem sequer imaginávamos. São eles que fazem a diferença. (...) Um dos casos exemplares é a Pastoral da Criança, da dona Zilda Arns (...) Acho que a Dona Zilda tem dados mais eficientes sobre mortalidade infantil nas áreas em que opera do que qualquer outro instituto do governo. (...)

No caso brasileiro predomina a solidariedade. Isso foi provado por um instituto internacional de pesquisas que tentou identificar onde estava o povo mais solidário do mundo. (...) O Brasil ficou em primeiro lugar. Os pesquisadores não entenderam. Como é que um país tão cheio de problemas ainda mostrava tanta solidariedade? (...)

Para o brasileiro, a palavra solidário tem muita importância. Sua ação é mais motivada pela solidariedade, para o País, para os outros, do que para ele próprio. Nos EUA, a ação voluntária tem muito a ver com o meu benefício particular, com alguma coisa com a qual não me conformo. No Brasil, a ação é mais ampla. Se você estiver andando na rua ao lado de 100 brasileiros e cair, vai encontrar pelo menos 90 deles com alguma disposição para lhe ajudar a levantar. (...) Isso está ligado à cultura portuguesa. A estrutura que os portugueses montavam para manter as Santas Casas de Misericórdia é extraordinária. Elas funcionavam só com voluntários, cuidando, dando, pagando. Se você analisar o funcionamento dos grandes hospitais de São Paulo, nascidos no início do século passado e ligados a grupos étnicos, como o Sírio-Libanês e o Albert Einstein, verá a força do trabalho voluntário em todos. (...)

Mas houve períodos em que os governantes tentaram reduzir a ação da sociedade. Quando Getúlio Vargas estabeleceu uma cultura de Estado responsável, paternal, indiretamente disse aos brasileiros: “Deixem que eu resolvo. Não é problema seu.” Mais tarde, tivemos governos que privilegiaram o desenvolvimento, mas sem envolvimento da sociedade. O governo militar voltou a dizer: “Deixem que eu tomo conta, porque vocês não são competentes.” Isso fez a sociedade refluir, mas ela nunca parou. (...)

(Entrevista de Luís Norberto Pascoal. *O Estado de S. Paulo*, 25.11.2001, pág. A18.)

(...) Como já observou o padre Joacir Della Giustina, coordenador nacional da Pastoral do Menor, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na sociedade brasileira está se disseminando, com muita rapidez, o que ele chama de “cultura da solidariedade”. Se a exclusão social aumenta, constatou o padre, “as pessoas mostram maior consciência a respeito da solidariedade e da justiça social”. (...)

Ainda há muito o que fazer para ampliar a “cultura da solidariedade” entre nós. Mas o que já está sendo feito é impressionante. (...)

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*, 5.12.2001, pág. A3.)

A partir da leitura dos textos apresentados, produza seu próprio texto, em gênero **dissertativo**, sobre

**A SOLIDARIEDADE:  
CONTRA O INDIVIDUALISMO E A INDIFERENÇA.**